



**ASSEMBLEIA MUNICIPAL  
DA  
FIGUEIRA DA FOZ**

**ATA N.º 3/2017  
SESSÃO EXTRAORDINÁRIA  
DE 25-04-2017**

*“Nos termos do art.º 56.º do anexo I da Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, as atas são publicitadas na íntegra, mediante edital afixado durante 5 dos 10 dias subsequentes à sua aprovação, tendo em vista garantir a publicidade necessária à eficácia externa das decisões”.*



## ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Ata nº 3 da Sessão Extraordinária de 25-04-2017

**LOCAL** - Casa do Povo de Alqueidão-----

**DATA** -25 de abril de 2017-----

**INICIO** - dez horas e trinta minutos-----

A sessão iniciou-se com a presença de:-----

**PRESIDENTE** - José Duarte Pereira..... PS

**1º SECRETÁRIO** - Adelino da Costa Pinto..... PS

**2ª SECRETÁRIA** - Mafalda Sofia Mendes Azenha Paiva..... PS

**MEMBROS** - Mário João Menezes Paiva ..... PS

Teotónio Paulo de Jesus Cavaco ..... SOMOS FIGUEIRA

Francisco Nuno Costa de Melo Biscaia ..... PS

Carlos Manuel da Silva Rabadão ..... SOMOS FIGUEIRA

Fausto Fernando Santos Loureiro ..... PS

Luís Manuel Mendes Ribeiro ..... PS

Mário da Silva Esteves ..... SOMOS FIGUEIRA

Silvina da Silva Fonseca Anadio de Queiroz ..... CDU

Ana Raquel Mendes Correia..... PS

Maria Isabel Gaspar Ferreira de Sousa ..... SOMOS FIGUEIRA

João Filipe Carronda da Silva Antunes..... PS

Nuno Miguel Garcia Carvalho ..... SOMOS FIGUEIRA

José Augusto Fernandes Mateus ..... PS

Maria Isabel Cardoso Guardão Tavares ..... PS

Maria Adelaide Gaspar Gonçalves ..... CDU

Fernando Miguel Gonçalves Pereira ..... PS

Manuel da Silva Caiano ..... PS

José António Ferreira Dias ..... BE

Mário Alberto Gomes Oliveira..... CDU

### **PRESIDENTES DE JUNTAS DE FREGUESIA**

**(Alhadas)** Jorge Manuel Bugalho da Silva ..... PS

**(Alqueidão)** Luís Miguel Martins Bento ..... PS

**(Bom Sucesso)** Mário Fajardo Acúrcio ..... INDEPENDENTE

**(Buarcos)** José Manuel Matias Tavares ..... PS

**(Ferreira-a-Nova)** Susana Maria Rodrigues Oliveira Monteiro ..... PS

**(Maiorca)** Filipe Humberto Mateus Dias ..... SOMOS FIGUEIRA

**(Marinha das Ondas)** Manuel da Conceição Rodrigues Nada ..... PS

**(Moinhos da Gândara)** Paulo Manuel Querido Rodrigues ..... SOMOS FIGUEIRA



(Paião) João Paulo Gonçalves Pinto ..... PS  
(Quiaios) Maria Fernanda Marques Lorigo ..... Partido Socialista  
(São Pedro) António Manuel dos Santos Salgueiro ..... PS  
(Tavarede) Fernando Manuel Neves Rodrigues ..... PS  
(Vila Verde) Vítor Manuel Gonçalves Alemão ..... PS

Após verificação do quórum, deu-se início à sessão.-----

#### SUBSTITUIÇÕES

Ana Margarida Pinto da Cunha por Manuel da Silva Caiano, Victor Manuel dos Santos Madaleno por Fernando Manuel Neves Rodrigues, e Vânia Isabel Duarte Batista por Ricardo António Gonçalves de Matos Querido.-----

#### JUSTIFICAÇÃO DE FALTAS

Ana Margarida Pinto da Cunha, Victor Manuel dos Santos Madaleno, José Manuel Pereira da Costa, Ana Elisabete Laborda Oliveira, João Gomes Lopes, Vânia Isabel Duarte Batista e Natália Jerónimo Pires.-----

#### FALTAS INJUSTIFICADAS

José Elísio Ferreira de Oliveira, Ricardo António Gonçalves de Matos Querido.---

As cerimónias iniciaram-se no Largo em frente à Casa do Povo de Alqueidão, com o Hastear da Bandeira Nacional, sendo a guarda de honra prestada pelos Bombeiros Municipais e Voluntários da Figueira da Foz, e o Hino Nacional tocado pela Filarmónica da Sociedade Musical e Recreativa de Alqueidão. De seguida, as pessoas deslocaram-se para a Casa do Povo de Alqueidão, onde decorreu a Sessão Extraordinária comemorativa do 43.º aniversário do 25 de Abril.-----

**PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA:** "Senhor Vice-Presidente da Câmara Municipal, Dr. António Tavares, Senhor Orador Oficial desta Sessão, Dr. Nuno Filipe Camarneiro Mendes, Senhor Representante da Associação 25 de Abril, Coronel Carlos Cachulo e Costa, Senhoras e Senhores Vereadores, Senhoras e Senhores Deputados Municipais, Senhoras e Senhores Presidentes de Junta, Jovens Representantes do Conselho Municipal de Juventude, Exm.ªs Autoridades Cívicas, Militares e Religiosas presentes, Maestro e Filarmónicos da Sociedade Musical e Recreativa de Alqueidão, Senhora Professora e alunos da Escola Básica do 1.º Ciclo de Alqueidão, Maestro e Coralistas do Coral David de Sousa, Senhoras e Senhores Convidados, Comunicação Social, Minhas Senhoras e Meus Senhores, está aberta a Sessão Solene da Assembleia Municipal da Figueira da Foz Comemorativa do quadragésimo terceiro Aniversário da Revolução do 25 de Abril."-----

Logo a seguir a Filarmónica da Sociedade Musical e Recreativa de Alqueidão,



dirigida pelo seu Maestro Celso Rama, tocou o Hino Nacional.-----

**PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA:** "Dou a palavra ao Presidente da Junta de Freguesia de Alqueidão, nosso anfitrião e a quem, desde já, em meu nome e no da Assembleia Municipal, agradeço a hospitalidade e a forma como nos recebeu.-----

**LUIS MIGUEL BENTO:** "Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhor Vice-Presidente da Câmara Municipal, Senhor Orador Oficial desta Sessão, Senhor Representante da Associação 25 de Abril, Senhores Vereadores, Senhores Deputados Municipais, Senhores Presidentes de Junta, Senhores Representantes do Conselho Municipal de Juventude da Figueira da Foz, Exm.ªs Autoridades Cívicas, Militares e Religiosas presentes, Maestro e Filarmónicos da Sociedade Musical e Recreativa do Alqueidão, Senhora Professora e alunos da Escola Básica do 1.º Ciclo de Alqueidão, Senhores Elementos do Coral David de Sousa, Senhores Convidados, Comunicação Social, Minhas Senhoras e meus Senhores.-----

Saúdo com alegria o corajoso levantamento militar conduzido pelos Capitães que a 25 de Abril de 1974, instaurou a Democracia e a Liberdade.-----

Libertou os presos políticos, assegurou o regresso dos exilados, restabeleceu direitos fundamentais da pessoa humana, como a livre expressão do pensamento e opinião, a liberdade de imprensa, a livre criação de associações e partidos políticos, a liberdade sindical, o direito à greve, a elaboração de uma nova Constituição da República Portuguesa e a organização de eleições livres.-----

Quero começar por exprimir o enorme orgulho que sinto, ao poder viver as celebrações do 43º (quadragésimo terceiro) aniversário do 25 de Abril, nas funções de Presidente da Freguesia de Alqueidão.-----

No dia 25 de Abril de 1974 ainda não tinha nascido, mas os meus pais contaram-me o que aconteceu nessa madrugada de ABRIL.-----

Falaram-me dos rostos das pessoas, onde se misturava o receio sobre o desfecho da Revolução e a Felicidade por a mesma ter acontecido.-----

O esforço dos chamados Capitães de Abril e de todos os que a eles se associaram nesse dia, merece ser lembrado hoje, volvidos que são 43 anos, por isso, é uma honra para a Freguesia de Alqueidão acolher hoje aqui esta cerimónia.-----

O 25 de Abril ofereceu-nos a democracia. É na democracia que encontramos a única possibilidade de realização da política.-----

Uma das suas conquistas mais bem sucedidas foi precisamente a instauração do Poder Local Democrático.-----

Poder Local constituído por Municípios e Freguesias, que através do exercício



das suas competências, levaram o desenvolvimento a todo o território, em termos de infraestruturas básicas inexistentes até então - redes de abastecimento de água e saneamento, higiene pública, energia elétrica, arruamentos, vias de comunicação, escolas, centros de saúde, entre outras.-----

É chegado o momento das forças políticas locais, utilizarem a componente mais Humanista do seu código genético. É decisivo alimentar o espírito de iniciativa, de empreendedorismo e a vontade continuada de lutar pelas coisas da nossa terra. Este é o momento dos autarcas usarem a sua Liberdade para a implementação de políticas locais, que protejam, preservem, rentabilizem e assegurem o acesso equitativo aos bens comuns naturais e aos equipamentos sociais existentes ou a criar.-----

Este é o momento dos autarcas usarem a sua Liberdade, para reconhecer o papel estratégico do planeamento e do desenho urbano, na abordagem das questões ambientais, sociais, económicas, culturais e da saúde para benefício de todos.--

Este é o momento de todos usarmos a nossa Liberdade, para apoiar e criar as condições para uma economia local dinâmica, que reforce o acesso ao emprego, intensificando os critérios de rentabilidade económica nos investimentos futuros, promovendo o ambiente propício ao reforço da iniciativa empresarial no nosso Concelho e nas nossas Freguesias.-----

Devemos assegurar comunidades inclusivas e solidárias, reforçando o apoio e o trabalho conjunto com as Instituições Particulares de Solidariedade Social do nosso Concelho, no trabalho direto aos mais necessitados.-----

Temos de assumir as nossas responsabilidades globais, pela justiça, equidade, desenvolvimento sustentável e proteção do clima.-----

Todos temos a obrigação de reconhecer a importância, a responsabilidade e a grandiosidade de um verdadeiro serviço público, prestado por todos nós autarcas aos nossos munícipes e fregueses.-----

As autarquias locais deverão ser sempre um parceiro e não um obstáculo burocrático.-----

Ao longo destes três anos e meio, fiz do exercício do poder autárquico, um ato de cidadania, respeitando os cidadãos e os recursos que nos foram delegados para o bem-estar da comunidade.-----

O 25 de Abril de 1974 pertence a todos. O espírito e os desígnios do 25 de Abril pertencem a todos os Homens e Mulheres livres do nosso país.-----

Abril soube resistir a todas as lógicas totalitárias, hoje continuamos, tal como



ontem, mas também amanhã, a saudar o dia que nos trouxe a Liberdade.-----  
É por isso, que continua a fazer tanto sentido comemorar Abril!-----  
Nós, somos todos os fiéis depositários dessa herança conquistada em 1974, e  
cabe-nos o papel de defender essa Liberdade, até às últimas consequências e de  
contribuir, todos os dias, para o seu aperfeiçoamento.-----  
O único caminho para o futuro, é o da Responsabilidade e o da Verdade.-----  
O Poder Local acredita no futuro de Portugal!-----  
Bem hajam pela vossa presença, bem hajam pelo vosso contributo, e por fazerem  
desta Freguesia e deste Concelho um lugar com dignidade e respeito pelos outros.  
VIVA O 25 DE ABRIL! VIVA A LIBERDADE!"-----

**PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA** deu a palavra ao orador convidado, Nuno Camarneiro."---

**NUNO CAMARNEIRO:** "Exm.º Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Exm.ªs  
Senhoras e Senhores Deputados, Municipais, Exm.º Senhor Presidente da Câmara  
Municipal, Exm.ªs Senhoras e Senhores Vereadores da Câmara Municipal, Exm.ºs  
Senhores Representantes da Associação 25 de Abril, Exm.ªs Autoridades Cívicas,  
Militares e Religiosas, Exm.ºs Senhores Convidados, Exm.ºs Representantes da  
Comunicação Social, Minhas Senhoras e Meus Senhores.-----

Foi com enorme orgulho e satisfação que aceitei o convite para fazer o discurso  
de abertura desta sessão solene comemorativa dos 43 anos da revolução do 25 de  
Abril. No município onde vivi boa parte da minha vida, onde cresci e me formei,  
onde forjei algumas das amizades mais fortes que ainda hoje mantenho, onde  
conheci a mulher com quem casei e onde regresso amiúde e sempre me sinto em  
casa.-----

Aceitei o convite por muito considerar quem mo dirigiu, pela gratidão que sinto  
por esta terra e pela data que hoje comemoramos que permitiu que vivêssemos hoje  
em democracia, em liberdade e num país melhor, mais luminoso e mais justo.-----

O desafio que estas comemorações nos lançam é o de as encararmos como a  
celebração de algo vivo e atual, e não o mero relembrar de um passado distante e  
cada vez menos relevante para os nossos dias presentes. Só faz sentido comemorar  
o 25 de Abril se ainda o sentirmos como nosso, se esta revolução tão profunda,  
tão esperada, tão promissora, viver ainda nos nossos espíritos e nas nossas  
ideias. Por mais pessimista que me considere, afinal sou escritor e é esse um  
dos ossos do ofício, acredito que somos ainda pais e filhos do 25 de Abril,  
autores e personagens de um momento único da nossa história que nos deu tanto do  
que nos faltava. E citando uma pergunta que ficou famosa, feita pelos humoristas



britânicos Monty Python que no filme «A Vida de Brian» perguntavam «Afimial o que é que os romanos fizeram por nós?» Permitam-me fazer a mesma pergunta a propósito desta data: Afimial o que é que o 25 de Abril fez por nós?-----  
Tentemos a resposta apoiando-nos em alguns factos:-----  
A taxa de analfabetismo em Portugal no ano de 1970 era de 20% nos homens e de 39% nas mulheres. Um homem em cada cinco e quatro mulheres em cada dez não podiam ler o jornal, escrever uma carta ao seu marido ou à sua esposa, ou ver um filme falado em língua estrangeira. Em 2011 a taxa de analfabetismo era de 3,5 % nos homens e de 6,8% nas mulheres. Ainda alta, ainda inaceitável, mas tão diferente desses tempos.-----  
Afimial, o que é que o 25 de Abril fez por nós?-----  
Em 1970 o número de alunos matriculados no ensino secundário era de 27.000 - 16000 do sexo masculino, 11000 do sexo feminino. Em 2011 era de 440000, 217000 do sexo masculino, 223000 do sexo feminino. Não só multiplicámos o número total por 17, como chegámos à paridade entre sexos.-----  
Afimial, o que é que o 25 de Abril fez por nós?-----  
Em 1981, já no pós-revolução mas ainda na sombra sinistra das políticas do Estado Novo, foram publicados 308 artigos científicos por autores nacionais em revistas internacionais. Em 2011 esse número subiu para 15500.-----  
Afimial, o que é que o 25 de Abril fez por nós?-----  
Em 1970 o número total de bibliotecas em Portugal era de 288, em 2003 era de 1018. E aqui tenho de fazer um parêntesis.-----  
Eu só me tornei leitor e depois escritor, porque tive a possibilidade de frequentar a biblioteca municipal da Figueira da Foz e de devorar algumas centenas de livros (dos mais infantis aos mais adultos, dos maus às obras-primas). Quando, de vez em quando ouço alguém dizer: «Hoje em dia qualquer um escreve livros...», uma frase que pretende ser depreciativa, dou graças a todo o investimento público que foi feito em bibliotecas - municipais e escolares, e sim, orgulho-me de viver num país onde qualquer um pode escrever livros, e é num país assim que eu quero viver. Onde qualquer um possa dançar, fazer música, fazer ciência e fazer política. É exatamente esse o país que eu quero.-----  
Afimial, o que é que o 25 de Abril fez por nós?-----  
Em 1970 a percentagem do PIB gasta em Segurança Social com prestações sociais, subsídios ou outras despesas era de 2,9, em 2014 foi de 21,7.-----  
Afimial, o que é que o 25 de Abril fez por nós?-----



Como já devem ter percebido este meu discurso tem o patrocínio da Pordata, e aproveito para louvar o trabalho excecional que a Fundação Francisco Manuel dos Santos tem feito para conhecermos melhor o nosso país.-----

Mas, agora que ficou mais ou menos claro o que é que o 25 de Abril fez por nós... é justo que perguntemos o contrário. O que é que o 25 de Abril ainda não fez por nós? O que falta fazer? Que caminho temos ainda para andar e que desafios nos esperam? E perdoem-me, mas tendo eu formação científica irei socorrer-me de mais alguns números:-----

Em 1970 o número total de emigrantes portugueses era de 66000. Em 2014, no pico da crise, foi de 134000. Por mais aventureiro e audaz que seja o povo português, é demasiada gente a deixar a sua «zona de conforto».-----

Afinal, o que é que o 25 de Abril ainda não fez por nós?-----

Em 1970 o número de desempregados era de 111000, em 2016 foi de 573000. Também deve ser dito que por mais perverso que fosse o Estado Novo os recibos verdes são uma invenção mais recente.-----

Afinal, o que é que o 25 de Abril ainda não fez por nós?-----

Nas legislativas de 1975 a abstenção não chegou aos 10%, em 2015 foi de 43%. Mesmo com o aumento do colégio eleitoral, é clara a falta de participação democrática.-----

Afinal, o que é que o 25 de Abril ainda não fez por nós?-----

Poupo-vos a mais estatísticas, quis apenas demonstrar que, embora tenhamos iniciado em 74 um percurso virtuoso, e válido e globalmente positivo, há ainda muito por fazer, há novos perigos, novos desafios, armadilhas que o tempo e a tecnologia trouxeram, o conformismo que acompanha naturalmente a melhoria das condições económicas e sociais. Uma das muitas lições que a história nos ensina é que não podemos descansar nunca, que nenhuma democracia dispensa a participação democrática, que nenhum representante eleito deve permanecer livre de escrutínio, que a liberdade não é um ponto de chegada mas um permanente ponto de partida.-----

A nossa revolução for tardia e ainda hoje carregamos o peso desse atraso. Temos feito muito para encurtar a distância que nos separa dos países e das sociedades que admiramos, mas sentimo-nos por vezes presos no paradoxo de Zenão - quando chegamos ao ponto onde estas se encontravam já elas avançaram um pouco mais e estabelecemos novas metas e mais fogem quanto mais nos aproximamos. Pode ser angustiante, mas basta-nos olhar para trás para nos podermos orgulhar das etapas





que cumprimos.-----  
Por outro lado, a nossa revolução tardia deu-nos uma memória ainda fresca. E, talvez por isso, resistamos às ondas de populismo, de xenofobia, de desprezo pelas vidas humanas que observamos em tantas dessas sociedades que nos habituámos a admirar. Enquanto nos lembrarmos do que fomos talvez resistamos a nos tornarmos em tudo o que rejeitámos. E hoje, no ano de 2017, é essa a mensagem mais importante que devemos recordar e passar aos mais novos. A democracia, a liberdade, a justiça, a igualdade, a tolerância, o respeito pela diferença são sempre melhores do que o seu contrário. Os novos desafios pedem novas respostas, e nunca um regresso às trevas ou ao falso conforto de um mal entranhado.-----

O 25 de Abril de 17 pode ter feito 43 anos, mas está aí para as curvas, novo, fresco e quase por estrear.-----

Obrigado pela vossa atenção e paciência, desejo a todos, e a mim também, a coragem de não nos conformarmos, que tenhamos todos, num dia, numa hora, a força dos cravos de Abril.”-----

**PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA** deu a palavra ao representante da Associação 25 de Abril, Coronel Carlos Cachulo e Costa.”-----

**CORONEL CARLOS CACHULO E COSTA:** “Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhores Deputados Municipais, Senhor Vice-Presidente da Câmara Municipal, Senhores Vereadores, Autoridades Cíveis, Militares e Religiosas, Minhas Senhoras e Meus Senhores.-----

Antes de ler a mensagem do 25 de Abril, lembrei-me de muito singela e rapidamente evocar uma das figuras dessa manhã inesquecível de há 43 anos.-----

Trata-se do imorredouro Fernando Salgueiro Maia, falecido há precisamente 25 anos e que se tornou pela sua relevantíssima ação uma das figuras incontornáveis do golpe de estado democrático.-----

A sua decisiva missão quer na Praça do Comércio, quer no Largo do Carmo onde se desenrolou a rendição incondicional, justificam esta singela homenagem que me lembrei de lhe prestar.-----

A mensagem que vou ler é a da Associação 25 de Abril, com a qual me identifico. - 43 anos é muito tempo, mas ainda sabe a pouco!-----

Foi há 43 anos - 25 de Abril de 1974 - que tudo começou, ao emergirmos da noite e do silêncio, como então afirmou Sophia de Mello Breyner.-----

25 de Abril, sempre, passou então a dizer-se, com gosto, neste pequeno e amado



país à beira mar plantado. Embora às vezes também prantado.-----  
E assim acontece de novo, hoje, quando assinalamos, com redobrado vigor e orgulho, a passagem de 43 anos sobre a data em que o MFA e os portugueses puseram fim a mais de 47 anos de ditadura, derrotando as forças totalitárias e colonialistas que mantinham o país, e os portugueses, reféns da sua obstinada cegueira política e teimosia militarista.-----  
Durante estes curtos anos, em termos históricos, muito se passou em Portugal, muitos sonhos se realizaram - mas muitas desilusões se viveram também.-----  
Nesse 25 de Abril de 1974, (...) o dia inicial inteiro e limpo - citando mais uma vez a inesquecível Sophia -, ao acordar entrámos, de braço dado com o povo, numa espécie de «bebedeira» coletiva, sem vinho mas com muitas flores na ponta das espingardas, com a euforia e o sonho a possuírem-nos como raramente algum outro povo sentiu e viveu.-----  
Seguiu-se, pouco tempo depois - como não podia deixar de ser, embora talvez pudesse e devesse ser de outra maneira - o assentar dos pés no chão, com a demonstração de quão difícil é fazer coincidir o sonho com a realidade.-----  
Contudo, livres, donos do nosso próprio destino - embora com muitas intromissões externas - fomos aproveitando e praticando a democracia, lamentavelmente com piores resultados do que seria lógico e expectável.-----  
E não foram os sucessivos atropelos, que os eleitos que escolhíamos faziam às promessas que nos levavam a essas escolhas, que nos fizeram mudar de atitude. O facto é que foram demasiadas as vezes que insistimos nos erros das escolhas, não aprendendo nada com as sucessivas traições de que, como eleitores, fomos sendo vítimas.-----  
Apesar de tudo isso, com altos e baixos, Portugal foi-se transformando, em Paz - o que nunca é demais realçar -, num País mais livre, mais democrático, mais justo e mais solidário.-----  
Até que os inimigos de Abril conseguiram ocupar o Poder e encetaram uma destruição de tudo o que cheirava a essa maravilhosa madrugada libertadora.-----  
A Associação 25 de Abril, que está prestes a completar 35 anos de existência, não abdicou da luta, alertou contra as situações de medo e resignação, proclamou a inequívoca convicção de que Abril seria reafirmado, o medo seria vencido e o futuro seria construído numa perspetiva de Liberdade, Democracia e Justiça Social.-----  
Fê-lo, fizemo-lo, nomeada e essencialmente nos anos em que comemorámos os 38,



39, 40 e 41 anos do 25 de Abril - basta reler as mensagens que então divulgámos. Há um ano, na evocação dos 42 anos de Abril, a nossa mensagem congratulava-se já com o facto de os portugueses terem sabido utilizar a arma maior que nos restava de Abril: a liberdade de praticar a Democracia que a Constituição da República, herança suprema da Revolução dos Cravos, nos permite. E com isso, terem recuperado a esperança.-----  
Para trás ficou um governo de má memória e um Presidente da República que lhe dera cobertura e apoio.-----  
Passámos então a ter um Governo em que a esperança voltou e um novo Presidente da República que afirma querer cumprir e fazer cumprir a nossa Constituição de Abril.-----  
Mesmo assim, manda a verdade que se diga, não estamos totalmente satisfeitos com o presente - e ainda bem, pois a insatisfação é própria das sociedades livres. Continuamos dispostos a lutar para que se recupere de todos os malefícios que nos fizeram, determinados a não baixar os braços na luta permanente por um Portugal onde os valores que há 43 anos foram proclamados, aplaudidos e responsáveis pelos sonhos vividos, sejam cada vez mais sentidos e benéficos para todos. Menos sonhos e mais realidade.-----  
Hoje, voltámos a ser exemplo para o mundo democrático, que acorda e constata ser possível encontrar acordos e soluções à volta do essencial, com o acessório a ser mesmo e só acessório.-----  
Tal como em Abril demos uma lição a todo o mundo, com enormes repercussões em todas as latitudes e longitudes, também hoje estamos a espantar, demonstrando que um pequeno País - em dimensão geográfica, que não em valor habitado por um povo especial, continua a trilhar esse rumo.-----  
Tenhamos presente, contudo, que não estamos isolados no mundo.-----  
Mundo que vive, nos dias de hoje, em clima de incerteza política, económica, social e militar. Diremos mesmo, mundo que vive à beira de uma nova guerra global que, a acontecer, será profundamente letal.-----  
Mundo onde os valores parecem não existir, as realidades são virtuais, o populismo está na moda e os loucos estão, de novo, a chegar ao poder!-----  
É nesse ambiente que temos de pugnar para que Portugal consiga contribuir para uma Europa e um Mundo em Paz, que só será possível se voltarmos a considerar prioritários valores há muito esquecidos e abandonados.-----  
Só possível se conseguirmos construir uma sociedade onde a corrupção não



campeie, onde a justiça seja igual para todos, onde a fraternidade seja uma realidade.-----

Sabemos que é difícil, mas teimamos em acreditar - e para isso fazemos votos para que a solução resultante da visão patriótica dos nossos atuais «governantes», isto é, a carinhosamente chamada «geringonça», continue a obter bons resultados e vá ultrapassando os obstáculos à construção de um Portugal soberano baseado na dignidade da pessoa humana e na cidadania, com uma sociedade livre, justa e solidária.-----

É esse o nosso ideal, é essa a nossa determinação, continuamos a não desarmar, vamos - todas e todos, em conjunto - vencer!-----

Um grande, um enorme abraço fraternal, com um - Viva o 25 de Abril!-----

E com um grito forte, vindo do fundo de nós e da nossa História - Viva Portugal!"-----

**PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA** deu a palavra aos representantes do Conselho Municipal da Juventude da Figueira da Foz, Carlos Vitória."-----

**CARLOS VITÓRIA:** "Exmº Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Exm.º Senhor Vice-Presidente da Câmara Municipal, Exmºs Senhores Vereadores, deputados municipais e autarcas, Exmºs Senhores convidados, Exmºs cidadãos do Alqueidão, Minhas senhoras e meus senhores.-----

Hoje, mais que uma data, celebramos ideais que são inatos em todos nós, ideais que vão além partidos, que vão além conjunturas: hoje é o dia da liberdade e da democracia.-----

Hoje sou livre, e como é bom ser livre! Como é bom ter livre arbítrio para poder ser democrata!-----

Imagine-se, tudo isto capricho, tudo isto trivialidade quando comparado ao estado de sítio daquele tempo longínquo e conturbado de 74, onde os populares não tinham voz naquela que há séculos era, é e certamente continuará a ser a casa da democracia portuguesa.-----

Por isto, tenho obviamente que fazer uso da liberdade que comigo nasceu para expressar o meu sentimento de gratidão para com toda aquela geração de abnegados que durante a revolução dos cravos, com sentido de pátria, e com a liberdade sempre presente, contribuíram para o Portugal plural a que hoje todos pertencemos.-----

Sou livre! Sim!-----

Sou livre, contudo não me posso conformar convosco geração de abril.-----



Fizeram uma revolução em prol da liberdade, contudo, agora com a idade têm dificuldade em passar essa liberdade aos mais jovens.-----  
Quantos jovens veem aqui hoje?-----  
Muitos dos aqui presentes fazem voluntariado, pertencem a movimentos associativos, movimentos partidários ou outro tipo de instituições.-----  
Mas quantas dessas instituições integram jovens? Quantas têm jovens na sua direção? Quantas realmente ouvem os jovens?-----  
Quando foi a última vez que pediram a opinião a um jovem?-----  
Podem sempre argumentar que os jovens já não têm interesse em juntar-se às vossas organizações. Mas já pararam para pensar porquê?-----  
Quantas vezes já lhes disseram que não às suas sugestões? Será que a vossa instituição continua a ser apelativa aos jovens? Ou é cada vez mais fechada e feita à vossa medida, procurando apenas atender às vossas necessidades?-----  
Outro mito que se ouve frequentemente é que os jovens não sabem o que querem ou não sabem ainda o suficiente para saberem o que querem.-----  
Isso não é verdade, estamos aqui a geração de jovens mais bem preparada de sempre, com a maior taxa de formação de sempre e estamos a ser desperdiçados!---  
Se na vossa juventude sabiam o que queriam e souberam organizar-se para realizar uma revolução, acreditem que esta geração também o sabe!-----  
Engane-se quem pensa que isto é apenas restrito ao mundo associativo ou aos jovens! Este sintoma tem vindo a alastrar-se e é bem visível na abstenção eleitoral, onde mais de metade da população não aparece para votar! Há quem lhe chame uma maioria silenciosa, mas na minha visão é uma maioria que grita, mas ninguém a ouve, e não são apenas os governos, mas sim a sociedade num todo.-----  
Para os descrentes desta teoria basta estar atento, entrar nos seus mundos, especialmente o digital, e veremos que por detrás daqueles écrans há um mundo de opiniões, sugestões, participação ativa! Eu através do meu telemóvel consigo fazer voluntariado do outro lado do mundo! Consigo encontrar um lugar onde a minha opinião seja necessária e ouvida! Consigo sentir que sou capaz de algo! Então porque é que aqui não o consigo?-----  
É preciso mudar mentalidades! Peçam-nos ajuda que nós construímos novas pontes de contacto entre as gerações, mostraremos o nosso potencial, e acreditem que ficam surpreendidos!-----  
Nós queremos participar!-----  
Como jovem e patriota como vós nesse Abril de 74, quero dizer-vos que acredito



em mim e acima de tudo acredito na minha geração, para que todos juntos rumemos a um país mais solidário, mais igual a si próprio sobre os seus ideais ancestrais. Rumemos a um Portugal solidário com os jovens. Devemos unir-nos e deixar às gerações vindouras um Portugal um pouco melhor do que o que temos.---- Pela liberdade e pela democracia! Viva sempre Portugal!"-----

**PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA** deu a palavra ao deputado José Ferreira Dias.-----

**JOSÉ FERREIRA DIAS:** "Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhor Vice-Presidente da Câmara Municipal, Senhor Orador Oficial desta Sessão, Senhor Representante da Associação 25 de Abril, Senhores Vereadores, Senhores Deputados Municipais, Senhores Presidentes de Junta, Senhores Representantes do Conselho Municipal de Juventude da Figueira da Foz, Exm.ªs Autoridades Cívicas, Militares e Religiosas presentes, Maestro e Filarmónicos da Sociedade Musical e Recreativa do Alqueidão, Senhora Professora e alunos da Escola Básica do 1.º Ciclo de Alqueidão, Senhores Elementos do Coral David de Sousa, Senhores Convidados, Comunicação Social, Minhas Senhoras e meus Senhores.-----

Quarenta e três anos passaram sobre o dia que marcou o fim de uma ditadura política e social que importa não esquecer.-----

Evocar Abril (com todas as mudanças desde então ocorridas), implica não esquecer esses tempos tristes e cinzentos do passado, há quarenta e três anos Portugal travava uma guerra injusta em três frentes coloniais, onde morreram milhares de jovens e muitos mais ficaram estropeados e com traumas prolongados.-----

As mulheres não tinham direito ao voto e ganhavam em média menos 40% do que os homens.-----

Existia a odiosa polícia política, PIDE/DGS.-----

Existiam presos políticos.-----

Existia a tortura como forma regular de proceder a interrogatórios, e a morte de opositores do fascismo ocorreu não poucas vezes.-----

A censura castrava a cultura portuguesa, perseguindo todos aqueles que almejavam a diferença.-----

Era proibido ter opinião, e eram perseguidos todos aqueles que a pretendessem manifestar. Muitos Homens e Mulheres conheceram as cadeias políticas desse tempo.-----

A taxa de analfabetismo rondava os 33% e a mortalidade infantil situava-se nos 38 por mil.-----

Os direitos à educação, saúde e proteção social não eram Universais.-----



Estes são alguns dos factos que caracterizavam Portugal como um país autoritário e fascista, retrógrado e fechado no que dizia respeito ao desenvolvimento e direitos sociais.-----

Em famigeradas «conversas em família» Marcelo Caetano afirmava então, numa televisão a «preto e branco», que «tinha acabado o tempo das vacas gordas», pelo que havia que fazer sacrifícios.-----

Era uma situação inevitável!-----

Nas palavras do ditador, a alternativa era o caos, a anarquia!-----

Assim se tentou intimidar os possíveis opositores e manter o País refém das suas políticas.-----

Mas, afinal, havia alternativa.-----

E não era o caos anunciado, como o demonstraram todos aqueles que construíram e fizeram o 25 de Abril de 1974.-----

Portugal foi um exemplo para o Mundo, e renasceu das cinzas.-----

O ensino público prosperou, reduzindo-se de forma exemplar o analfabetismo.-----

O Serviço Nacional de Saúde foi implementado, elevando Portugal, no que se refere à drástica redução das taxas de mortalidade infantil, aos níveis mais elevados do desenvolvimento humano.-----

Generalizou-se o acesso a cuidados de saúde, que se tornaram universais e próximos das populações.-----

Desenvolveram-se direitos de trabalho!-----

Foram generalizados os subsídios de férias e de natal.-----

Foram criados mecanismos de proteção no desemprego.-----

O Poder local/autárquico, independente do Poder Central, afirmou-se levando ao desenvolvimento de um País marcado pelas desigualdades «campo/cidade».-----

A democracia local revelou-se propiciadora de desenvolvimento social, cultural e económico.-----

Estamos a assinalar o 43º Aniversário do 25 de Abril, numa altura em que passam 25 anos do falecimento de um dos homens que o tornou possível, o Capitão Salgueiro Maia que a história consagrou como o maior exemplo de coragem da Revolução do 25 de Abril de 1974. O capitão sem medo.-----

Quarenta e três anos passaram!-----

Portugal, vive um momento crítico.-----

O desemprego e a precariedade continuam na ordem do dia, os bancos já custaram aos portugueses 13 mil milhões de euros (dados do INE), Portugal é assim o 5º



país da União Europeia que mais pagou para salvar os bancos, entre 2006 e 2016 Portugal gastou o equivalente a 7% do PIB os contribuintes são quem paga a fatura.-----

Este ano vai acontecer a recapitalização da CGD em 2,5 mil milhões de euros um valor que vai entrar nas contas públicas, não se sabendo ainda se conta ou não para o défice, logo se vê...-----

O endividamento do Estado cresceu 600 milhões de euros, em fevereiro para 243,5 mil milhões de euros.-----

Apesar da descida da taxa de desemprego para os 10% Portugal tem a 5ª taxa de desemprego mais elevada dos países do euro.-----

Na situação política, económica, financeira e, sobretudo, social que vivemos ganha nova pertinência a mensagem de esperança e de luta por um futuro melhor que o 25 de Abril representou para muitas e muitos.-----

Hoje é cada vez mais necessário relembrar que as inevitabilidades não existem e que o futuro terá de ser aquele que soubermos construir.-----

Em Democracia não há inevitabilidades; há sempre alternativas!-----

O Bloco de Esquerda reafirma que estará sempre ao lado de todas e todos os que, ao celebrarem o 25 de Abril e o fim do fascismo em Portugal, se propõem lutar pelos valores e ideais que então marcaram aquela data.-----

Reivindicaremos um investimento público que crie emprego e apoie a fixação das populações, em particular de uma geração qualificada de jovens que não queremos ver sair do país.-----

Pugnaremos pelo apoio do Estado (governo e autarquias) aos projetos e agentes culturais (associações, grupos de teatro, museus, músicos, artistas plásticos, artesãos), de modo a valorizar social e economicamente as potencialidades das atividades criativas das populações e o imenso património natural, histórico e cultural de Portugal, especialmente das regiões do interior.-----

Assim será verdadeiramente evocado e celebrado em cada momento e em cada luta, o 25 de Abril.-----

A realidade que vivemos hoje, obriga cada mulher e cada homem, mais jovens e menos jovens com ideais de Liberdade e de Justiça Social a recordar o 25 de Abril de 1974, não como uma data do passado com um conjunto de promessas não cumpridas, mas como uma força que nos conduz inevitavelmente a lutar por um futuro melhor para os nossos filhos e os nossos netos.-----

Viva o 25 de Abril!"-----





**PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA** deu a palavra à deputada Silvina Anadio Queiroz.-----

**SILVINA ANADIO QUEIROZ:** "Exm.º Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Exm.º Senhor Orador Convidado, Exm.ªs Senhoras e Exm.ºs Senhores Deputadas e Deputados Municipais, Exm.º Senhor Vice-Presidente da Câmara Municipal, Exm.ªs Senhoras e Exm.ºs Senhores Vereadoras e Vereadores da Câmara Municipal, Exm.ºs Senhores Representantes da Associação 25 de Abril, Exm.ªs Autoridades Cívicas, Militares e Religiosas, Exm.ºs Filarmónicos da Banda de Alqueidão e seu Maestro, Exm.ªs Senhoras e Exm.ºs Senhores Coralistas do Coral David de Sousa e seu Diretor Artístico, Exm.ªs Senhoras e Exm.ºs Senhores Convidadas e Convidados, Exm.ºs Representantes da Comunicação Social, Minhas Senhoras e Meus Senhores.---

Comemorar o 25 de Abril hoje, é, como foi e sempre será, lutar pela defesa da verdade histórica quanto ao significado desta data gloriosa, avivando a memória coletiva do Povo Português e, simultaneamente, munindo as gerações nascidas após Abril, de informação genuína, precisa, que possa fazer face às tentativas de apagamento que vão surgindo a esmo, daqui e dali. Muito se tem distorcido o significado do 25 de Abril como ato heroico, determinado e patriótico, seus antecedentes e suas consequências, tentativas que devem ser firmemente repudiadas por todos os democratas deste País.-----

Neste hora em que celebramos os 43 anos da Revolução de 25 de Abril, voltamos a prestar homenagem aos denodados militares que puseram as suas vidas em altíssimo risco naquela madrugada de 1974, porque nunca é demais fazê-lo, heroicos militares aqui representados pela Associação 25 de Abril, a quem rendemos homenagem em primeiro lugar, e imediatamente depois aos Deputados Constituintes, responsáveis pela construção da Lei Fundamental do País, a Constituição da República Portuguesa. Neste préstito incluímos todo o Povo Português que, logo, logo, se identificou com a Revolução, gritando de puro alívio e felicidade no dealbar dessa manhã nova de liberdade.-----

Os grandes valores da Revolução que celebramos criaram profundas raízes na sociedade portuguesa e continuam a projetar-se como realidades, necessidades objetivas, experiências e aspirações, a concretizar, de facto, no futuro democrático de Portugal. Como refere o Programa do PCP «Uma Democracia Avançada - os valores de Abril no futuro de Portugal», «a Revolução de Abril constitui uma realização da vontade do povo, uma afirmação de liberdade, de emancipação social e de independência nacional» que realizou profundas transformações políticas, económicas, sociais e culturais e desenhou outras a atingir depois.--



Comemoramos a data num tempo marcado por uma situação internacional instável e perigosa. Os seus desenvolvimentos negativos mais recentes, com o agravamento pelo imperialismo de tensões, conflitos e agressões, nomeadamente na Síria, Turquia, Afeganistão, península da Coreia, América Latina (em particular, na Venezuela) e Palestina, acrescentam novos focos e sinais de instabilidade e incerteza, que muito nos preocupam.-----

Trata-se duma situação que exige, mais do que nunca, a solução pacífica dos conflitos no quadro duma política de paz, amizade e cooperação entre os povos, princípios consagrados na Constituição da República Portuguesa e desde sempre defendidos pelo Partido Comunista Português.-----

Nas comemorações do 25 de Abril importa, pois, ter presente este valor, projetá-lo na jornada do 1.º de Maio e na luta de massas do presente e do futuro. É preciso, pois, intensificar a luta pela paz.-----

Comemorar o 25 de Abril é também assumir o valor da luta pela reposição, defesa e conquista de direitos, reclamando respostas para os problemas mais imediatos dos trabalhadores e do povo, pela recuperação de rendimentos e direitos que políticas de direita travaram, (e, muito em particular, durante os recentes quatro anos de exploração, empobrecimento e declínio nacional do governo PSD/CDS) e que também trinta anos de integração capitalista europeia confiscaram ao povo português.-----

Comemorar o 25 de Abril é lutar, ao mesmo tempo, contra tais políticas e contra os constrangimentos externos que impedem o desenvolvimento soberano do País. É lutar por uma política patriótica e de esquerda que assuma a produção nacional e o seu desenvolvimento enquanto condições de independência económica e promoção de emprego; que valorize o trabalho e os trabalhadores; liberte o País da submissão ao euro; promova a renegociação da dívida e a recuperação do controlo público da banca; recupere a soberania monetária e orçamental; liberte recursos para o investimento público; melhore os serviços públicos e reforce as funções sociais do Estado, como sempre sublinhamos e reclamamos.-----

Comemorar a data é defender, afirmar e projetar os seus valores no contexto de uma democracia avançada, como parte indissociável da luta pela construção em Portugal de uma sociedade socialista, «correspondendo - como sublinhava Álvaro Cunhal - às particularidades nacionais e aos interesses, às necessidades, às aspirações e à vontade do Povo português - uma sociedade de liberdade e abundância, em que o Estado e a política estejam inteiramente ao serviço do bem



e da felicidade do ser humano».-----

Em marcha continua a preparação do 1.º de Maio nomeadamente a partir das empresas, locais de trabalho e setores, mobilizando os trabalhadores em torno da sua ação reivindicativa para projetar neste dia o movimento de lutas que em numerosas empresas e sectores está em curso neste momento. Nesta luta estarão, certamente também, aqueles que não têm um posto de trabalho. Cabe aqui lembrar que mais de metade dos trabalhadores em situação de desemprego não recebe qualquer tipo de subsídio ou apoio, situação que configura uma tremenda injustiça social, imprópria de um Estado de Direito Democrático. Valorizamos o que de positivo tem sido levado a cabo pelo Governo em funções mas não ficaremos reféns da sua vontade, como alguns pretendem fazer crer. Os nossos padrões de exigência mantêm-se exatamente os mesmos e continuaremos a lutar pelos objetivos patrióticos de mudança ainda não concretizados. Não pode a descida do défice assumir-se como uma obsessão cega e obstinada. O Povo não pode continuar a ser sujeito a sacrifícios sobre sacrifícios, para que sejam atingidas as metas idealizadas. Não podem, por exemplo, esses trabalhadores sem trabalho e sem apoios, continuar a pagar a fatura de erros de que não têm a mínima parcela de responsabilidade, porque essa treta de «todos termos vivido acima das possibilidades» está estafada e é uma mentira indecorosa.

Prossegue também a batalha das eleições autárquicas com a apresentação de balanços de atividade, prestação de contas e preparação de candidaturas. Com crescente entusiasmo e dinamismo, vamos afirmando o projeto alternativo da Coligação Democrática Unitária e o património de trabalho, honestidade e competência, «imagem de marca» distintiva da nossa intervenção nos órgãos do Poder Local. Sabemos que iremos travar esta batalha num contexto de desigualdade em relação a outras forças políticas, sempre apadrinhadas por alguma comunicação social mais ao serviço de interesses de alguns e não ao serviço de uma informação imparcial, justa e esclarecedora. Começam já a fazer-se sentir os ataques ao Partido Comunista Português e à Coligação Democrática Unitária, aproveitando o Centenário das Aparições de Fátima, como assistimos há escassos dias na Televisão Pública, ou melhor, que tem a obrigação de ser pública e não «mercenária». Constroem-se confusões e distorções, como se a Fé de cada um, a sua crença religiosa ou ausência dela, tivessem algo a ver com as escolhas políticas dos cidadãos e não têm. Nada mesmo! Preparamo-nos para a ofensiva que já se vai mostrando, timidamente, a propósito do Centenário da Revolução de



Outubro, pretendendo-se, tanto num caso como noutro, denegrir a imagem do Partido Comunista Português e diminuir a sua influência junto dos cidadãos. É caso para dizer: «Assim não vale! Exigimos verdade e jogo limpo!»-----  
Podem os nossos concidadãos continuar a contar com o Partido Comunista Português. Contra o que alguns desejaram e desejam veementemente continuamos vivos, atuantes e vigorosos e os 96 anos de vida deste Partido não são um sinal de debilidade, muito pelo contrário, são a demonstração inequívoca da vontade democrática de libertação do seu Povo das desigualdades e desequilíbrios sociais e o sinal do seu repositório de experiência acumulada no travar destas importantes batalhas. Continuamos, pois, a lutar por aquilo em que acreditamos: Que todos têm direito a uma vida feliz e digna. Cito, para concluir, o grande, o enorme Bertold Brecht: «Há os que lutam um dia e são bons, há outros que lutam um ano e são melhores, há os que lutam muitos anos e são muito bons. Mas há os que lutam toda a vida e estes são imprescindíveis!» Contemos, então, com os imprescindíveis porque há ainda muito para conseguir e a luta não é fácil! Nunca foi, jamais será!-----  
Por um País Livre, Democrático e Desenvolvido, marchemos!-----  
Viva o 25 de Abril!-----  
Viva Portugal!"-----

**PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA** deu a palavra à deputada Isabel Gaspar Sousa.-----  
**ISABEL GASPAS SOUSA:** "Exmº Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Exmºs Senhores Vereadores, deputados municipais e autarcas, Exmºs Senhores convidados, Exmºs cidadãos do Alqueidão, Minhas senhoras e meus senhores.-----  
Hoje, na comemoração do 43º aniversário da Revolução dos Cravos, falo-vos de utopia e utopias.-----  
Desde a Antiguidade que o Homem fabrica utopias. A busca do não lugar, do sonho, de um mundo melhor, mais fraterno, igualitário e justo moveram desde o ser mais comum ao mais sábio.-----  
A Democracia (etimologicamente Demos+Kratos que significa: o poder do povo) nasceu no mundo antigo, no séc. V a.C., foi uma das utopias mais estruturantes e transversais de todos os tempos. A procura de uma democracia perfeita tem gerado ações e paixões de tal modo intensas que levaram à glória de uns e à desgraça pessoal, de outros.-----  
No caso Português, a palavra "Democracia" foi subindo de tom desde os finais do séc. XIX e aos alvares do séc. XX. O partido republicano português, inspirado em



princípios que nos chegavam de além-fronteiras, acreditava que uma revolução republicana iria levar o país à senda do progresso. Advogava-se a ideia que o nosso país atrasado, economicamente débil e maioritariamente analfabeto deveria regenerar-se o quanto antes. A difusão da instrução seria uma «arma» que poderia cumprir esse desiderato. Tanta ideologia, tantas denúncias, tantas propostas foram vertidas na imprensa da época. Finalmente o 5 de outubro de 1910 concretiza a implantação da República. Mais uma utopia tornada realidade que, a breve trecho, iria gerar novas convulsões. Foi difícil viver em democracia. É difícil viver em democracia!-----

A sobreposição do poder legislativo ao executivo, a burocratização do sistema, para além do nosso défice crónico, fizeram cair por terra mais uma tentativa de criar um país mais livre e democrático. Segue-se a antítese de tudo o que o Homem tinha sonhado, uma ditadura militar que culminou com o estrangulamento produzido pelo Estado Novo.-----

Dessa fase obscura e de desencanto, falou-nos o poeta chileno Pablo Neruda, em a «Lâmpada marinha» (1967), da qual cito:-----

«Quando tu desembarcas-----  
em Lisboa (...)-----  
não conheces,-----  
não sabes que por detrás das janelas-----  
escutam,-----  
rondam-----  
carcereiros de luto,-----  
retóricos, severos,-----  
empurrando presos para as ilhas,-----  
condenando-os ao silêncio (...)-----  
destinando os homens à sombra».-----

Permitam-me que, neste contexto, preste hoje uma homenagem a uma mulher Figueirense, professora e democrata, que ousou tentar, pela utopia, alterar o status quo vigente: Cristina Torres Santos (1891-1975).-----

No alvor da república, esta jovem já tinha um historial de luta pela liberdade, pela igualdade, tolerância e fraternidade. Na casa de seus avós falava-se sobre a República, sabia-se a Portuguesa e a Marselhesa, frequentava-se o Centro José Falcão e outras associações onde se preparava em surdina a Era Nova que se avizinhava. Foi mensageira, menina de recados, entre diversas hostes



figueirenses, que na penumbra moviam esforços para pôr fim à famigerada Monarquia. Desde cedo escreveu na imprensa local sob o pseudónimo «Maria República». Quando na sequência do 5 de outubro de 1910, os festejos rebentaram na nossa cidade, foi Cristina Torres que, juntamente com outros democratas figueirenses, percorreu as ruas enladeiradas que desaguavam na Praça Nova, tendo sido escolhida como a mais digna personalidade para empunhar a bandeira republicana. Cristina Torres teria o seu futuro marcado, como as demais jovens da sua idade. Aprendeu costura, mas queria mais... ambicionava estudar. Estudou, portanto, na nossa cidade e depois na Universidade de Coimbra onde se formou em Histórico-Geográficas. Passou dificuldades económicas, trabalhou nos mais diversos ofícios para sobreviver, escreveu na imprensa local, distinguindo-se na defesa da instrução popular, sobretudo feminina, tendo fundado e dirigido, com esse propósito, a Associação Fraternidade Feminina responsável por uma escola noturna para raparigas. Concluído o seu curso universitário, foi professora em escolas móveis e na Figueira da Foz. Em pleno Estado Novo lecionou na Escola Bernardino Machado (que funcionou à época no edifício dos Paços do Concelho). As suas aulas marcaram os seus alunos. Falavam de liberdade, de igualdade, de soberania popular e de justiça social. A sua ousadia valeu-lhe uma ordem de mobilidade, em vésperas de um dia de Natal, para uma escola de Braga. Desterrada, ostracizada pelo sistema, mas muito acarinhada por pais e alunos, viria a regressar anos mais tarde à nossa cidade. Mas, esta mulher com um sentido cívico muito aguçado, não se coibiu de continuar a falar em tudo aquilo em que acreditava. Novamente um afastamento e uma «travessia no deserto», passando a sua subsistência a ser acautelada pelas aulas particulares que lecionava na sua casa. Do pouco que tinha, ainda partilhava com famílias carenciadas, ou com familiares de presos políticos, detidos pelo delito de pensarem num mundo utópico, chamado Democracia. Esta mulher ímpar, que se encontra (e bem) marcada na nossa toponímia, teve uma vida longa que lhe permitiu ver nascer a República, lutar contra o Estado Novo e dele sofrer as mais duras represálias e humilhações, e no final da vida, ainda conhecer o País de Abril. Já muito idosa foi levada pelas ruas da cidade, aquando dos festejos do 25 de abril de 1974. A luta pela democracia marcou a vida de Cristina Torres que nos deixa um legado cívico de constância e de grande resiliência. Cristina Torres foi antes de tudo uma Democrata, muito para além das conotações partidárias que lhe quiseram atribuir.-----



Hoje, 43 anos passados sobre o 25 de abril, temos vivido, com altos e baixos, o pluripartidarismo reivindicado por abril. A participação cívica dos cidadãos tem sido uma realidade, fazendo com que todos possamos ser eleitores e elegíveis, sobretudo para cargos da administração central e local. A política autárquica poderá ser a mais bela expressão da participação e vontade dos cidadãos na gestão daquilo que lhe está mais próximo e da qual depende o seu bem-estar social. Contudo, vislumbram-se ainda dificuldades de viver e conviver em democracia, na persecução do bem comum na gestão da coisa pública.-----

O nosso país continua a não ser respeitado pelo exterior, nem a ser um bom aconchego para os seus filhos. Não podemos continuar a deixar partir para o mundo, jovens portugueses bem preparados cientificamente, e que saem por não vislumbrarem a esperança de um Portugal melhor. Triste destino o nosso!-----

Quanto tempo mais precisamos para concretizar todos os desígnios (talvez utópicos) de abril?-----

Não podemos desistir, é uma imposição cívica da qual somos herdeiros e que não o podemos desmerecer.-----

Portanto: Viva o 25 de abril! Viva um país mais justo, mais próspero e mais Livre!"-----

**PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA** deu a palavra ao deputado Nuno Melo Biscaia.-----

**NUNO MELO BISCAIA:** "Exm.º Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Exm.º Senhor Vice-Presidente da Câmara, Senhores Vereadores, xm.ºs Senhores Presidentes de Junta de Freguesia, em particular a Freguesia de Alqueidão que nos recebe, Exm.º Senhor Orador Oficial da Sessão, Nuno Camarneiro, Exm.º Representante, da Associação 25 de Abril, Exm.ªs Autoridades Cívicas, Militares e Religiosas presentes, Prezados membros da Assembleia Municipal, Exm.º Representante do Conselho Municipal da Juventude, Exm.ºs Senhores Convidados, Exm.ª comunicação Social, Senhoras e Senhores-----

43 anos depois vai-se tornando cada vez mais longínqua aquela época de novidade e de esperança, em que a conquista da liberdade, e das liberdades, constituiu a maior das aspirações.-----

Hoje, em Portugal vivemos, felizmente, num estado democrata e livre!-----

Um país em que o regime democrático está já amadurecido e em que as soluções políticas de governação e entendimento demonstram bem, o aprofundamento do parlamentarismo e a legitimação pelo voto popular.-----

Somos assim tentados a esquecer - ou a não valorizar - a mais valia sublime da



liberdade que nos foi oferecida, primeiro pelos militares de Abril, depois pelo povo que saiu à rua e a coloriu com cravos, e mais tarde por todos aqueles, cidadãos, militares, políticos que impediram que a um totalitarismo se sucedesse um outro totalitarismo.-----

Mas, em cada 25 de Abril teremos sempre de celebrar a coragem de uma geração que, arriscando a sua vida, resolveu dar a outra geração o maior dos bens: a liberdade!-----

Mário Soares, que este ano nos deixou e não podemos deixar de homenagear, disse uma vez que «a liberdade é em si mesmo um valor revolucionário, a liberdade de palavra, de pensamento, ou de discordar». Disse também que «não há liberdade sem igualdade nem igualdade sem liberdade».-----

Essa é a herança dele, a herança que todos devemos honrar, defender e transmitir.-----

É incontornável - não vale a pena iludi-lo - que estamos a atravessar um período extremamente conturbado a nível internacional.-----

O descrédito dos protagonistas políticos e dos partidos ditos tradicionais, deverá alertar consciências e recapitular acontecimentos históricos que, na primeira metade do século XX, varreram o nosso continente com a vitória das ditaduras, que prometiam o paraíso, mas que trouxeram o terror, a opressão e a guerra.-----

Todos os ditadores surgiram como messias salvadores das nações e, na primeira oportunidade, limitaram os direitos e as liberdades dos cidadãos.-----

Todos se instalaram no poder em nome do povo e, sem demora, o desprezaram e oprimiram.-----

Tais factos, marcados a sangue na história, são por demais conhecidos e será prudente que não os esqueçamos.-----

O desrespeito continuado pelas instituições internacionais, a ameaça de desunião na europa, o terrorismo, os movimentos populistas e demagogos, o uso unilateral da força à margem das convenções, constituem uma ameaça muito séria aos princípios basilares da democracia e da liberdade dos povos.-----

Talvez, e mesmo por isso, é pertinente celebrar a vitória da democracia sobre a ditadura nestes tempos agitados em que vivemos.-----

É pois o 25 de Abril, a data adequada para refletirmos sobre tudo isto! Procurarmos um novo caminho, mais consentâneo com os valores que a revolução nos deu e que temos, todos, a obrigação de defender e preservar.-----





Importa que as virtualidades da democracia sejam sentidas por todos, nomeadamente, quando são criadas e usufruídas as condições do exercício livre da cidadania.-----

Celebrar, hoje, a Revolução democrática do 25 de Abril, e o que dela ainda prevalece, é um imperativo cívico, contra a «míngua da memória» que parece estar a inquinhar a nossa sociedade.-----

Celebrar a liberdade, o Estado de direito, a paz e a soberania é um ato patriótico que nos deve unir, neste tempo tão incerto.-----

Continuar a participar plenamente no projeto europeu, respeitando os compromissos estabelecidos no âmbito da União Económica e Monetária, é e deverá continuar a ser um propósito nacional.-----

Celebrar a justa ambição de desenvolvimento constitui um desígnio que nos fará ter esperança num Portugal mais justo, progressivo e solidário.-----

A todos nós que aqui representamos os figueirenses que nos elegeram, cabem-nos particulares responsabilidades.-----

Somos, nas autarquias, responsáveis por novos tempos, pelo Portugal melhor, que é obra do Poder Local democrático nascido em Abril e que todos nos orgulhamos de continuar a construir.-----

É importante que todos apresentemos propostas para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos e que estimulemos uma maior participação de todos na vida coletiva.-----

É um imperativo cívico fazer mais e melhor pela vida comum dos cidadãos que nos elegeram!-----

Só assim, acentuando esta consciência cívica, não defraudaremos as expectativas dos que nos emprestaram o seu voto, e a sua confiança, para os representarmos nos órgãos democráticos do poder autárquico.-----

Mas que nunca esqueçamos - o lado genuíno do regime democrático assenta na diferença de opinião e no respeito pelas opções divergentes!-----

Como disse Nelson Mandela «Ser pela liberdade não é apenas tirar as correntes de alguém, mas é viver de forma a respeitar e melhorar a liberdade dos outros».----

Viva a Liberdade!-----

Viva a Democracia!-----

Viva a Figueira da Foz!-----

Viva Portugal!"-----

**PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA** deu a palavra ao Vice-Presidente da Câmara.-----



**VICE-PRESIDENTE DA CÂMARA:** "Exm.º Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Exm.ºs Senhores Vereadores, Exm.ºs Senhores Presidentes de Junta, Exm.ºs Senhores deputados municipais, Exm.º Senhor Orador convidado, Exm.º Senhor Representante da Associação 25 de Abril, Exm.º Senhor Representante do Conselho Municipal da Juventude, Exm.ªs Autoridades Cíveis e Militares, Caro maestro e músicos da Filarmónica da Sociedade Musical e Recreativa de Alqueidão e maestro e coralistas do Coral David de Sousa, Senhoras e Senhores.-----

Nesta assembleia temos vindo a fazer um exercício assente na nossa memória coletiva, relembrando como foi possível resistir e depois quebrar o estado das coisas vigente, consubstanciado num regime de ditadura e opressão. É natural que tenhamos vindo também a refletir, aqui e ao longo do tempo, sobre as mudanças que encetámos, o rumo que tomaram e a sociedade que construímos, depois do sonho romântico da utopia que, habitualmente, marca os períodos de mudança. O 25 de Abril foi a marca histórica dessa viragem singular.-----

Escreveu Giorgio Agamben, filósofo e pensador italiano, que o homem contemporâneo foi privado da sua biografia e da sua experiência; em suma, da sua história. Só a persistência da memória e a manutenção da nossa identidade pode ser fonte de coesão e do pulsar constante que nos mantém unidos, abertos ao mundo e aos outros. Faz sentido, pois, sempre e a todo o instante, reclamar da história um apelo e um questionamento pedagógico ao presente e ao futuro.-----

Não podemos dissociar-nos das características da realidade global e aberta em que vivemos, feita de interdependências de várias dimensões que nos colocam no mundo, ao lado e no mesmo plano, de todos os outros. Esta, também foi uma porta que Abril abriu.-----

Hoje, todos os lugares são um só e a dispersão espacial dos factos e acontecimentos que marcam o mundo, os gostos e os hábitos, é apenas aparente. Vivemos numa sociedade global de deriva, movida a um ritmo vertiginoso que lhe subtrai as âncoras e a inscrição dos factos no real. Esta comunidade e esta forma de viver e estar é adversária da memória, da ponderação, da reflexão e do pensamento, porque se afirma na sua efemeridade e autofagia. Como referia um filósofo polaco recentemente falecido, nesta modernidade a responsabilidade é abstrata, líquida e lavável, por isso não há culpa nem culpados e os atores sociais não possuem nomes nem identidades - são o sistema, o mercado, a alta finança, as agências, etc. Descobrimos, assim, de forma dolorosa, a morte civil da ética.-----



De resto, enfrentamos um mundo que perde substância e que, no plano do consumo, além do café sem cafeína, das natas sem gordura e da cerveja sem álcool, nos trouxe a economia sem política e a política sem ideologia. É possível assim, assistirmos de novo à banalização do mal e à irracionalidade da ação e dos gestos que a política implica. Hoje, faz-se mais política contra alguém do que por alguém. O principal direito na sociedade dos nossos dias é o de não se ser incomodado e, por isso, descobrimos, também de forma dolorosa, o cidadão sem cidadania.-----

A memória diz-nos que a história se faz de avanços e retrocessos. Aquilo que conquistámos não se pode dar por adquirido. Congratulamo-nos, naturalmente, pelo progresso que soubemos fazer nestes 43 anos de democracia e pluralismo, progresso esse, atestado por todos os indicadores económicos e sociais, e recentemente reforçado por novas relações de consenso político que pensávamos arredadas de qualquer solução de poder.-----

Também na Figueira da Foz nos sentimos confortados, quanto mais não seja por dispormos hoje de uma situação financeira equilibrada e justa, que não conhecíamos desde o final da última década de mil e novecentos e que se encontra vertida na confiança que os agentes em nós depositam e na assunção atempada de compromissos. Da mesma forma nos sentimos quando verificamos a diversidade da intervenção social que agora dispomos e que vai desde as medidas de apoio social à educação, aos programas de combate ao abandono e insucesso escolar, como o Escolhas e o Epis, à modernização do parque escolar, mas também na habitação social, na promoção da igualdade de género, na integração de imigrantes, nas políticas de inclusão, como o CLDS, o NPISA (virado para os sem-abrigo) e o Romed, (para a comunidade cigana), no apoio às vítimas de violência, no acompanhamento aos idosos e à juventude, assim como, nos apoios ao associativismo cultural e desportivo pagos e entregues a horas, no investimento no parque edificado da saúde, tal como a aposta na cultura, através do apoio ao incremento, à divulgação e ao ensino das artes.-----

Estamos hoje empenhados em vencer o desafio do desemprego e do desenvolvimento económico sustentável, através da compreensão e do diagnóstico das especificidades do nosso mercado de trabalho, prosseguindo com o exaustivo trabalho consubstanciado na recente proposta do Plano Diretor Municipal (em discussão pública) e no apoio e acompanhamento aos investidores e empreendedores, com um quadro já aprovado de benefícios e incentivos, e



projetando igualmente os investimentos necessários à requalificação do espaço público traduzido no PEDUS.-----

Acreditamos em Portugal e nos figueirenses e cremos que é pela cultura, como figura de anti destino, como lhe chamou Eduardo Lourenço, e pela educação, figura redentora da ignorância e do atraso, que podemos quebrar os ciclos de necessidade e de crise. A cultura e a educação para todos são devedoras da liberdade que Abril nos deu, pois são, acima do mais, a expressão e a instância crítica na qual a ação se irmana com o sonho. Só elas são capazes de conferir uma ordem humana ao caos, dando inovação e espontaneidade aos nossos atos e fornecer-nos as ferramentas indispensáveis aos desafios tão motivadores que ainda nos aguardam: o trabalho, a tecnologia e a tolerância.-----

Viva a Figueira da Foz!-----

Viva Portugal!-----

Viva o 25 de Abril!"-----

**PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA:** "Renovo as saudações iniciais a todos os concidadãos presentes.-----

Em jeito de prestação de contas, resolvi ler e partilhar com V. Ex.<sup>as</sup> as minhas intervenções ao longo deste mandato, tendo concluído que desde então até hoje, muito ficou por fazer, e muito para muitos se tornou irre recuperável.-----

Em 25 de abril de 2014 e passo a citar, iniciava assim a minha intervenção: «Depois de décadas de autoritarismo e ditadura, é com emoção que recorro para sempre, os Capitães de Abril, o Movimento das Forças Armadas» e de seguida com comoção, voltava a citar «há gente que fica na história, da história da gente.»- Nem tudo haveria de correr bem e por isso, foi necessário um Resgate, um Garrote que nos asfixiou, porque a austeridade levada à prática, era um Rosto da Exploração. Assim se apropriaram dos Vencimentos, das Reformas e das Pensões, rasgando um compromisso social entre o estado e os trabalhadores, em que a Reforma ou a Pensão representavam o «Investimento de uma Vida de Trabalho.»-----  
Pedi então que nos dessem uma palavra de esperança, que nos fizessem acreditar, e citei Obama «Yes We Can», digam-nos por favor que o dia de amanhã será melhor que o dia de hoje.-----

Os reformados e os aposentados passaram a ser a cisma grisalha, que o governo de então considerava um custo económico, que era preciso reduzir ou eliminar. Citei então Simone de Beauvoir «Um opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos».-----



Em 2015 acabou o resgate e constatámos que o sacrifício não havia valido a pena, porque os pobres ficaram mais pobres, os remediados foram despromovidos à pobreza e os ricos ficaram mais ricos.-----

Para os que sobreviveram, porque a vida não para, chegou 2016 e de novo o Défice Orçamental e a Dívida Soberana eram o pretexto para mais Austeridade, continuando por isso o confisco das pensões e a baixa dos custos do trabalho, nome mais pomposo, mas que queria dizer o mesmo, redução dos ordenados.-----

Ontem como hoje, o desemprego não é um valor meramente estatístico, é composto por pessoas, tem família, gente com deveres e com direitos, como o direito à saúde, à justiça e à solidariedade social.-----

A esta distância concluímos, que os incentivos à banca bem como as nossas poupanças e os nossos impostos, afinal não serviram como seria óbvio, para estimular a Economia do País, gerando riqueza e criando emprego, mas, para resgatar a banca e proporcionar ao capitalismo selvagem a sua aplicação em offshores.-----

Em 2016 disse e está escrito, que me confortava saber, embora não me tranquilizasse, que o Governo Português permanecia disposto a honrar os Compromissos Orçamentais, assumidos no quadro da Zona Euro, mas, utilizaria uma Política Orçamental Diferente, em que o maior Estímulo ao Consumo das Famílias permitiria uma melhor conciliação do Rigor Orçamental, com a Justiça Social e o Crescimento Económico.-----

De novo os iluminados da política vieram murmurar que aumentar os vencimentos, leia-se o «Ordenado Mínimo para 557 euros, pasme-se!!!, seria deitar borda fora o sacrifício dos últimos anos. Esqueceram que o ordenado mínimo não dá para aforrar, sendo gasto na totalidade com a alimentação, a educação dos filhos, o vestir e o calçar, a renda de casa, e o que sobra para comprar medicamentos, se chegar. Hoje já não há dúvida e as estatísticas referem-no, a vida de alguns portugueses melhorou, bem como a economia.-----

E porque falamos de estatísticas, as que conhecemos são fortemente animadoras, porque referem o Crescimento das Exportações, um défice de 2% do PIB em 2016, e uma dívida a baixar para 129,7% do PIB.-----

Também as contas já divulgadas pelo insuspeito Conselho de Finanças Públicas, liderado por Teodora Cardoso, demonstram que não têm razão os que criticam o desempenho da economia em 2016, porque a Carga Fiscal diminuiu, o Défice jamais ultrapassaria 2,5% do PIB mesmo sem medidas extraordinárias, e o Saldo



Estrutural também baixou, apesar da União Europeia e o Eurogrupo não o recomendarem, expressamente.-----

A propósito, Mário Centeno, viria a referir, quando questionado, que o bom desempenho da Economia só foi possível e passo a citar «porque os Portugueses voltaram a acreditar no País, perante uma política alternativa àquela que havia condenado a Europa à Austeridade, mas também, pela responsabilidade dos partidos de apoio parlamentar» que permitiram pôr em prática novas soluções políticas, sem abandonarem os compromisso com a Comissão Europeia.-----

Para um povo mergulhado em impostos, todas as palavras de esperança são bem vindas, e até o insuspeito Marques Mendes refere e passo a citar «ainda que as circunstâncias sejam diferentes, a ideia que fica é que Passos e Cristas faziam cortes e Costa devolve e repõe rendimentos», sublinhando ainda que as estatísticas mostram o PIB a crescer, o Défice a reduzir-se e o Desemprego a baixar o que são boas notícias, completava.-----

Ontem não estava tudo mal, como hoje não está tudo bem, longe disso, pelo que nos resta esperar que o Plano de Estabilidade agora aprovado pelo Governo, seja «a tal palavra de esperança» que nos faça novamente acreditar, para citar Obama «Yes We Can».-----

Numa União Europeia tão conturbada, frágil e desumanizada, amputada de verdadeiros líderes, onde podem sobressair os Dijsselblomes, os Schaubles, e os Dombrovskis, temos, infelizmente, como herança o «terrorismo do auto proclamado Estado Islâmico», pelo que de novo me apetece citar Simone de Beauvoir «Um opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos».-----

Viva Portugal!-----

Viva o 25 de Abril!-----

Bem Hajam!"-----

Seguiu-se a atuação de um grupo de alunos da EBI de Alqueidão que interpretaram o tema «E depois do Adeus», de José Niza, sob a direção da Professora Sílvia Antunes, e outra do Coral David de Sousa, interpretando dois temas alusivos ao evento, sob a direção do Maestro Vitor Ferreira, após o que a Filarmónica da Sociedade Musical e Recreativa de Alqueidão interpretou o tema «Marcha 25 de Abril», e o Hino da Cidade da Figueira da Foz.-----

E não havendo mais assuntos a tratar, foi pelo Presidente da Assembleia Municipal declarada encerrada a sessão eram treze horas e trinta minutos, da



## ASSEMBLEIA MUNICIPAL

*Ata nº 3 da Sessão Extraordinária de 25-04-2017*

---

qual, para constar, se lavrou a presente ata, que será previamente distribuída a todos os membros da Assembleia Municipal para posterior aprovação e que vai ser assinada pelo Presidente e pelo Secretário, nos termos da Lei.-----